

ENTRE CANTOS, CONTOS E FUXICOS – A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

LUANA DE CARVALHO KRÜGER¹; FELIPE DA SILVA MARTINS²; EWERTON DE MELLO SANTOS³; LINDSAY KRAMMER⁴; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – luana-kruger@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – felipe.martins@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – ewerton_20@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lindsaypk8@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos, como quem lê a sorte de soslaio.” (GALEANO, 1995). É a partir da citação de Eduardo Galeano, bem como da importância que a oralidade vem ganhando no espaço acadêmico, que a presente oficina se constrói. Sabemos que a tradição oral e a cultura ligada a essa tradição começam a aparecer neste cenário de discussões, no entanto, recursos históricos mostram que esse lugar sempre foi um espaço de resistência e a margem daquilo que é “válido” enquanto história e saber real. Tanto no Brasil, como no estado do Rio Grande do Sul possuímos uma cultura rica em cantos e contos, manifestada não só nos grandes centros, mas também em lugares periféricos. Do mesmo modo a quantidade de contadores desses lugares, de histórias reconhecidas ou não nos livros e nas políticas sociais, é imensa. São a partir dessas outras-histórias que procuramos recontar, reconstruir nossos lugares, nossas ações.

Com esses pressupostos encontramos Dona Sirley, uma mestre griô do movimento negro da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Uma contadora de histórias de 76 anos, que conta e canta histórias de sua ancestralidade pelas antigas charqueadas da cidade e de suas próprias vivências pelo carnaval local, cenário de onde emergem a maior parte de suas histórias e memórias. Dona Sirley é uma costureira aposentada que mora na periferia da cidade; além de griô, pode ser nomeada como uma ativista cultural, pois participa de diversos grupos de promoção e valorização do negro, do idoso e de trabalhos com crianças, além de ser uma reconhecida carnavalesca pelotense.

Partindo de sua trajetória e dos elementos contextuais que esta apresenta que propomos uma oficina de contação de histórias, intitulada “Confraria do Fuxico: Resgatando Africanidades” com a Dona Sirley. Esta oficina foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pinatinino de Almeida, localizada no bairro Areal da cidade de Pelotas. Tal oficina foi realizada a partir do evento “Agosto Negro”, promovido pelo Coletivo Negada.

2. METODOLOGIA

Tal oficina propôs uma contação de histórias a partir dos fuxicos da saia da Mestre. Nesses fuxicos haviam papezinhos com palavras que remetem as vivências da Dona Sirley, mas que, ao mesmo tempo, remetem as histórias das crianças que fizeram fazendo parte da oficina. Essas histórias devem formar um emaranhado de historinhas dentre tantas outras, onde todos estarão ao mesmo tempo contando e criando uma velha-nova história seja esta de resistência, de amor, entre outras. Eduardo Galeano nos permite idealizar e compreender poeticamente a atividade através das narrativas d’O Livro dos Abraços, mais

especificamente “A paixão de dizer/1”, “A paixão de dizer/2” e “A casa das palavras”.

Desta maneira a oficina foi realizada a partir de dois momentos: Primeiramente, com alusão as narrativas, criamos a saia de fuxicos. Tal escolha foi feita a partir das histórias da Dona Sirley, onde o fuxico é um dos “instrumentos” de contação. Os fuxicos fazem parte da arte de contar a Mestre. Posteriormente a oficina propriamente dita, realizada na E.M.E.F Piratinino de Almeida. Onde tivemos a possibilidade de desenvolver a atividade com três turmas, matriculadas no quarto ano escolar. Cada turma tinha aproximadamente trinta estudantes, desta maneira foi preciso realizar três oficinas, com duração de uma hora cada.



Figura 1 - Durante a oficina – Acervo Nals

Durante toda a oficina tínhamos cantigas, criadas pelo grupo juntamente com a Mestre. Primeiramente era introduzido a importância do Mestre Griô, em seguida era contado a história de uma senhora que possuía uma saia cheia de histórias, procurando através de tal contação relacionar as narrativas do Galeano com as da Mestre. Cada criança teve a oportunidade de retirar um fuxico da saia, ler a palavra que continha dentro do fuxico e contar uma história sobre a palavra. Depois quem contava uma outra história era a Dona Sirley.



Figura 2 - Cantigas – Acervo Nals

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada fuxico tem um pouco de história e poesia, e desses saem canções e palavras cheias de magia. A arte mágica de contar histórias de um outro-mesmo-lugar. Dessa saia saem lugares, vidas, ações. Saem de um só, que é todos-em-um.

“A contação de histórias, a gesticulação, a mímica, o caminhar em cena, o agir e interagir com os ouvintes – a ação. (...) O aprendizado continua sendo transmitido.” (PINHEIRO, 2012). Assim, o objetivo da oficina foi promover um ambiente de contação de histórias que tem como fio condutor as histórias da Dona Sirley, no entanto, que passam por todos os participantes e possibilita uma contação coletiva a partir do que cada palavra é para cada indivíduo e como isso vai representar para o todo.

Como diria Galeano, “esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros...” (GALEANO, 1995). O narrador é parte de uma memória coletiva, parte de um todo de vivências. Não é somente aquilo que ele viveu/vive. Não é somente uma história, um lugar. São vários estados de ser em um. Vários outros que passam, através da contação, para um pouco de nós.

A troca de histórias, a transmissão de conhecimento foi passada através de pontos de vista diferentes de uma mesma palavra. O olhar do outro permitiu olhar por outro lado.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto acima, acreditamos que a história contada tem papel fundamental na construção de conhecimento de todos indivíduos. Durante a realização da oficina, percebemos o quanto construtivo foi à possibilidade de troca. Pensamos ainda, que embora o espaço para a história oral não seja tão valorizado quanto a história escrita estamos marcando essa tradição como uma outra possibilidade de contação e de transmissão de conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PINHEIRO, C. G; BUSSOLETTI, D. M. Educação e resistência na prática das narrativas populares: a tradição griô. In: **IX Seminário ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX Seminário ANPED SUL. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul - EDUCS, 2012. v. CD-ROM. p. 1-15.